

**Página Inicial**

Agenda de Eventos

Especial - Acordo Ortográfico

**Artigos**

Artigos de IC

Blog

**Reflexões sobre o ensino de línguas**

Resenhas

Textos Literários

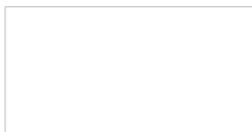
**Edições Anteriores**

**Junte-se a nossa lista de e-mails!**

Email Address

Subscribe

**Veja também:**



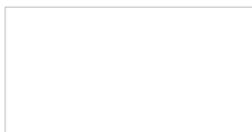
Instituto Matoso Câmara



Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec

## O DISCURSO: ESTRUTURA OU ACONTECIMENTO

Marcelo Giovannetti Ferreira Luz<sup>[1]</sup>

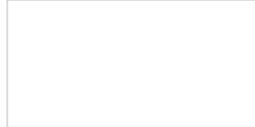
Michel Pêcheux é filósofo e considerado o criador, se podemos assim designá-lo, da análise do discurso de orientação francesa. Ele propôs um estudo da linguagem por meio dos estudos dos entremeios, alojando os princípios teóricos por ele mesmo estabelecidos em regiões que podem parecer contraditórias, fazendo trabalhar a desconstrução e construção em busca de uma compreensão incessante de seu objeto teórico – o discurso.

Em *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1983), livro que já está em sua 4ª edição, publicado pela Pontes Editores, Pêcheux analisa o discurso no seu batimento, ao considerar tanto a sua estrutura quanto o acontecimento que lhe dá origem. Assim, em seu domínio específico, o autor procura analisar os conhecimentos tidos como positivos, fazendo um percurso por tais ciências tidas como positivistas. O autor vai tratar da relação entre os universos logicamente estabilizados, em que não são possíveis as derivas de sentido, e aquelas formulações irremediavelmente equívocas, analisando como se relacionam a descrição e a interpretação, enquanto buscam traçar as formas de se fazer ciência: aquelas que agem de forma sobredeterminantes e as que atuam sobre a interpretação. A fim de lograr êxito em seu percurso, Pêcheux faz trabalhar três aspectos em sua obra, quais sejam o acontecimento, a estrutura e a tensão existente entre a descrição e a interpretação que deve haver na análise do discurso.

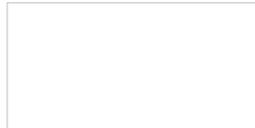
De forma a analisar adequadamente cada um dos aspectos acima mencionados, o autor divide sua obra em três partes: Introdução; Ciência, Estrutura e Escolástica; Ler, Descrever, Interpretar. Na edição brasileira, a obra é prefaciada pela prof<sup>a</sup>. Eni Orlandi, que relata um pouco do caminho do autor e os caminhos trilhados pela análise de discurso. Segundo a autora, a materialidade do discurso se faz no contato do linguístico com o histórico, sendo uma disciplina de entremeio, de confronto, da desconstrução. Michel Pêcheux discute neste livro a questão da interpretação e do acontecimento. Ao abordar a história, o autor trabalha com ela pelo viés da interpretação, isto é, o que entendemos por história é a interpretação dos fatos ocorridos em determinado momento, o seu real.

Na Introdução, Pêcheux trata de trabalhar a questão do marxismo e suas relações com outras ciências. Na tentativa de estudar o discurso de modo a compreender sua constituição como estrutura ou acontecimento, como o próprio título da obra deixa claro, Pêcheux imagina vários caminhos distintos, sendo um deles o trabalho a partir de um enunciado em especial: *On a gagné* [Ganhamos]. Ele propõe analisar tal enunciado em um momento específico, ou seja, no momento em que ele atravessa a França pós eleição presidencial que culminou com a vitória de François Mitterand, no dia 10 de maio de 1981, às 20 horas e alguns minutos. Portanto, tem-se aí um acontecimento histórico, a eleição presidencial, que dará origem ao acontecimento discursivo.

Um outro caminho que Pêcheux propõe é trabalhar a questão filosófica entre Marx e Aristóteles, sobre a idéia de uma ciência da estrutura. Contudo, logo desiste, por não se achar totalmente hábil para tratar de questões filosóficas e das ciências humanas e sociais, embora tenha uma formação filosófica. Então, ele parte para o terceiro caminho, o da tradição francesa da análise do discurso, trabalhando a relação entre a análise como descrição e como interpretação. Pêcheux pensará, neste livro, principalmente a questão entre esses dois procedimentos analíticos e observará de que modo eles se constituem sobre o trabalho científico. De início, passa a trabalhar com o enunciado *On a gagné* [Ganhamos]. Tal enunciado apareceu em Paris na ocasião da eleição de Mitterand à presidência francesa e, por meio deste enunciado, começarão a trabalhar o acontecimento, em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que se reorganiza a partir de tal acontecimento, ou seja, o socialismo francês de Guesde a Jaures, o Congresso de Tours, o Front Popular, a Libertação entre outros.



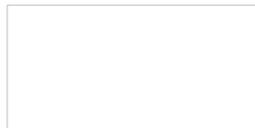
Comunidade dos Países de Língua Portuguesa



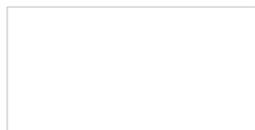
Dicionário de Termos Lingüísticos



Domínio Público



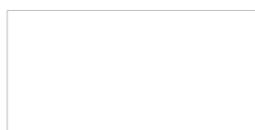
GEScom



GETerm



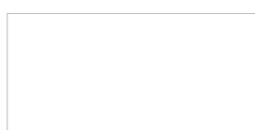
iLteC



Institut Ferdinand de Saussure



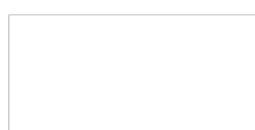
Letr[a]s.etc.br



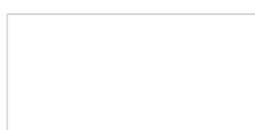
Portal da Língua Portuguesa



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!

Ademais, a forma como Pêcheux traz este enunciado, fazendo uma analogia aos enunciados que aparecem em eventos esportivos, faz trabalhar a relação entre o político e o esporte, visto este ser um acontecimento da massa e aquele, da mídia, remetendo a um conteúdo sócio-político transparente e opaco ao mesmo tempo, ou seja, na mesma medida em que o acontecimento parece se dar na transparência, ele é opaco. O acontecimento jornalístico da mídia de massa apresenta-se como uma vitória esportiva, a memória está em jogo no acontecimento, ou seja, possibilidades de dizeres que se atualizam no momento da enunciação, como efeito de um esquecimento correspondente a um processo de deslocamento da memória como virtualidade de significações.

Para tanto, ele afirma que os enunciados *F. Mitterand é eleito presidente da República Francesa*, *A esquerda francesa leva a vitória eleitoral dos presidencialistas* ou *A coalização socialista-comunista se apodera da França* não estão em relação parafrásitica, ou seja, podem remeter ao mesmo fato histórico-discursivo, mas não constroem as mesmas significações sobre eles. Aí Pêcheux começa a analisar já a relação entre acontecimento e estrutura, visto que um mesmo acontecimento histórico pode dar origem a enunciados distintos, construindo acontecimentos discursivos distintos.

O autor afirma, também, que só é possível o uso de um enunciado esportivo no campo político devido à opacidade da língua, que produz deslizamentos de sentidos, ou seja, um mesmo enunciado pode significar diferentemente em acontecimentos diferentes. Ademais, Pêcheux trata também da questão da estabilização dos sentidos por meio dos universos logicamente estabilizados. Ele afirma que o enunciado sobre a eleição de F. Mitterand é logicamente estabilizado pois não se pode dizer que ele tenha ganhado e não ganhado a eleição. Aqui, não se questiona a quem se refere o verbo "ganhar", pois só pode se referir a Mitterand no acontecimento em questão.

A partir daí, Pêcheux começa a questionar sobre o sujeito do enunciado, ou seja, quem ganhou. Ele mostra que, em francês, a partícula *on* é um pronome indefinido; portanto, há uma dúvida sobre quem ganhou as eleições: os militantes do partido de esquerda? o povo da França? de quem apoiou a perspectiva do Programa Comum? Então, faz uma análise sobre o sujeito e o complemento do verbo *gagner*.

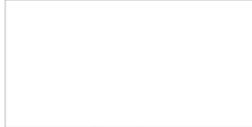
Embora a enunciação se dê sem os complementos, estes aparecem pela memória construída no acontecimento em questão, que pode contemplar tanto o jogo, a partida, a primeira rodada, tudo isso referindo-se às eleições presidenciais, mas também pode ter como complemento posições que não acreditavam na vitória. Logo, esse enunciado trabalha duas parcelas da população: aquela que acredita na vitória e aqueles cuja crença já é inexistente; aqueles que esperam o movimento popular e aqueles para quem o apolitismo generalizou-se. Então, tem-se a necessidade de acabar com o equívoco e construir-se um discurso logicamente estabilizado, não deixando dúvida sobre a questão de a esquerda ter tomado o poder na França, dado no acontecimento do dia 10 de maio; ou, então, negar o próprio acontecimento, tornando o acontecimento inexistente, ou seja, a esquerda no poder não seria um acontecimento, não faria trabalhar a memória na atualidade, como se a vitória da esquerda fosse indiferente à população francesa.

No capítulo segundo, Pêcheux vai tratar da relação existente entre a ciência, a escolástica e a estrutura. Ele começa tratando da questão do real e da independência que há entre o objeto no mundo e o discurso, a partir da afirmação de que não conseguimos descobrir o real, apenas nos deparamos com ele. Segundo o autor, as técnicas até então utilizadas pelas ciências ditas naturais buscavam encontrar resultados por meio de instrumentalização, dirigindo-os aos efeitos pretendidos. Tais técnicas constavam da identificação, da marcação, da classificação, assim como era feito nas ciências biológicas, por exemplo. Por meio dessas técnicas originaram-se os chamados espaços logicamente estabilizados, que norteiam as pesquisas científicas nas áreas das ciências exatas e biológicas.

Nesses espaços logicamente estabilizados, seria impossível um enunciado do tipo "Fulano é muito 'militar' no civil", mesmo este sendo inteiramente dotado de sentido. Então, tais espaços negam o equívoco, visto que pressupõem que todo falante sabe do que fala, uma vez que as propriedades estruturais são independentes da enunciação. Para continuar a explicação sobre os espaços logicamente estabilizados, Pêcheux afirma que um mesmo objeto não pode estar ao mesmo tempo em duas localizações diferentes, não podem estar relacionados a propriedades opostas nem um acontecimento pode sê-lo e não sê-lo concomitantemente.

Segundo Pêcheux, os enunciados logicamente estabilizados não aceitam múltiplas interpretações, podendo ser atribuído a eles apenas um valor. Ele fala também da necessidade de um mundo semanticamente normal, ou seja, normatizado, em que os objetos estão distribuídos pela disjunção alimento e excremento. Ademais, Pêcheux trata da dependência com as coisas-a-saber, isto é, conhecimentos acumulados, máquinas-de-saber; Esse pensamento de Pêcheux baseia-se em um modo aristotélico de fazer ciência, aquele chamado também de escolástica, que buscam desenvolver as categorias que estruturam a linguagem e o pensamento para fazer delas o modelo e o organon de toda sistematização, nas palavras de Pêcheux.

Neste capítulo sobre a escolástica, a estrutura e a ciência, Pêcheux mostra como o pensamento escolástico de uma ciência régia, que poderia englobar todos os ramos de estudo, era forte, bem como a questão do estruturalismo, a necessidade do estudo da estrutura que dominava a ciência, uma relação de causa e conseqüência, em que não havia o equívoco e as relações davam-se em espaços logicamente estabilizados e por meio da transparência, não da opacidade. Em sequência, há o aparecimento do



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

positivismo, que busca pensar as ciências humanas tal qual pensava-se as exatas, homogeneizando o real, os espaços sociais, através do método dedutivo-hipotético experimental, e as técnicas de administração de prova. Em seguida, aparece o marxismo com sua dialética, que Pêcheux diz sofrer um encavalamento com as questões das ciências humanas e sociais.

Pêcheux afirma contundentemente que a descontinuidade epistemológica associada à descoberta de Marx é problemática e precária. Ainda na questão do logicamente estabilizado, Pêcheux trata as ciências da natureza e as exatas como logicamente estabilizadas, enquanto as humanas fogem a esta estabilidade, embora as estruturas possam se manter, mesmo que haja acontecimentos diferentes. Entra nesta discussão também o fato de Marx negar a interpretação, visto ela desestabilizar os discursos.

No capítulo terceiro, intitulado Ler, descrever e interpretar, Pêcheux trabalha com o real existente até então, ou seja, aquele do universo logicamente estabilizado, das coisas-a-saber, que produzia um “furo” nas teorias aristotélicas quando se pensava em discursos não-estáveis, por exemplo, os das ciências humanas. Tais discursos chamavam pela interpretação – aquela que desestabiliza os sentidos, por apresentar as possibilidades de derivas. Pêcheux falará do estruturalismo, que se desenvolveu na França na década de 1960, como uma tentativa anti-positivista de levar em conta esse real, na tentativa de análise da estrutura e do acontecimento, produzindo novas práticas de leitura, que usam a interpretação para dar conta dos seus estudos, visto que todo fato já é uma interpretação do real. Então, Pêcheux afirma não poder separar a descrição da interpretação, visto funcionarem como um batimento, diferentemente dos estruturalistas, que descreviam as formas, abandonando o caráter interpretativo dos fatos, dos arranjos, abordando a materialidade e esquecendo a história.

Ao se pensar “o que quer dizer”, faz-se a interpretação do discurso diante das condições de produção do mesmo, que produzirão sobre estes diversos efeitos de sentido. A interpretação está suscetível de sofrer deslizos de sentido pelo efeito da história na linguagem, além de a língua não ser transparente, o que possibilita ainda mais tais deslizos de sentido. A interpretação era associada a um gesto de leitura da estrutura textual, que produz efeito de conjunto. Logo, a interpretação afetaria a língua – cria-se a metalinguagem. Haveria a utilização da língua para interpretar a si mesma, em um gesto estritamente estrutural.

Pêcheux também mostra como o apagamento do sujeito no enunciado produz um sentido de discurso sem sujeito, negando a interpretação aos discursos logicamente estabilizados. Portanto, Pêcheux nos mostra que interpretar é produzir um enunciado que “traduza” o enunciado de origem; assim, para ele, descrever torna-se indiscernível de interpretar, que pressupõe o conhecimento do real da língua, trazido de Milner.

Ao falar da descrição, Pêcheux afirma que ela está exposta ao equívoco, visto que todo enunciado é intrinsecamente possível de se tornar outro e seu sentido derivar discursivamente para outro. Nesse momento, ele trabalha a possibilidade de um enunciado ser descrito como uma série de pontos de deriva possíveis, que oferecem lugar à interpretação, lugar este que trabalha a análise do discurso. A possibilidade de interpretar deve-se ao fato de sempre haver outro, um outro lugar na sociedade, passível de transferência, de identificação. Nesse terceiro e último capítulo, Pêcheux trata a inseparabilidade da descrição e da interpretação, afirmando não serem seqüências de análise, mas funcionarem como um batimento, ou seja, concomitantemente.

É necessário compreender que toda descrição acarreta uma interpretação, coloca em jogo como espaço de leitura as múltiplas formas; a interpretação dos fatos, dos acontecimentos é feita por sujeitos que mobilizam várias memórias, de acordo com suas relações sociais, produzindo novas significações. Embora Pêcheux afirme que tanto descrição quanto interpretação tem seu momento na análise, isso não quer dizer que uma seja subsequente à outra, ou que uma seja menos importante que a outra, mas são da mesma forma condições essenciais para a análise linguística, Pêcheux afirma também, no que concerne aos discursos logicamente estabilizados, que estes não são predominantes nem na esfera familiar, nem na pública.

Para terminar a obra, Pêcheux coloca uma questão sobre o tratamento da discursividade como acontecimento ou como estrutura, chegando a considerara a absorção do acontecimento pela estrutura, de forma que esta se mantém dando origem a outros acontecimentos. É sobre as montagens discursivas, em que se possam detectar momentos d e interpretação como tomadas de posição frente ao discurso produzido e como identificação assumidos e não negados, que as análises devem ser elaboradas. Pêcheux afirma, também, que cabe ao interpretante a responsabilidade de sua interpretação, derivadas de sua tomada de posição no gesto de leitura. Para o autor, não se pode analisar o discurso sem se considerar sua estrutura e o acontecimento ao qual ele dá origem, no trabalho incessante e inextricável entre descrição e interpretação, principalmente ao considerar-se os discursos não logicamente estabilizados.

#### Referência Bibliográfica:

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, 68 páginas.

---

[1] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: giovannettil@gmail.com

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.